

## **TEIXEIRA DE PASCOAES: UM CAMPONÊS QUE PENSA**

Atribuir a Pascoaes o qualificativo de «um camponês que pensa» não é, certamente, tentar definir em breves termos a sua personalidade, rica e polimorfa, de homem de letras. Penso, todavia, que pode ser uma forma, entre outras possíveis, de evidenciar uma das notas dominantes da sua obra de pensador. O seu essencial significado é fácil de perceber. Os escolásticos inventaram e utilizaram largamente o princípio segundo o qual, em qualquer ente, «o agir segue o ser». Este princípio, que pode desdobrar-se hermeneuticamente em vários sentidos, significa com mais frequência que o agir de qualquer ente acontece em conformidade com o seu modo de ser: tal (modo de) ser, tal (modo de) agir.

Aplicando ao nosso caso, o agir é o pensar; o ente que age é o camponês; o modo de ser de um e de outro é o modo campesino. Como é bom de ver e como já ficou sugerido, «camponês» não é aqui um qualificativo sociológico da pessoa de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, mas um modo de ser ou de estar no mundo do poeta pensador Teixeira de Pascoaes.

### **1. O Poeta, essa «árvore humana»**

A radicação do pensar e do pensamento na condição de camponês é o que primeiramente se impõe ao nosso discurso. O campo (significando aqui o meio campesino) é parte determinante do pré-texto e do contexto de um e de outro. Entre ela e o pensar, todavia, há que situar o próprio Poeta pensador, para o qual a terra onde viveu e pensou poeticamente foi como que o húmus vital onde mergulhavam as raízes do seu ser e da qual recebeu, em boa parte e em consequência, o seu modo de ser.

É sabido que, desde criança até à morte, o Poeta viveu a sua vida, quase como um eremita, na aldeia de Gatão e na quinta da Casa de Pascoaes. Este longo eremitério foi apenas interrompido pelos estudos em Coimbra, por cerca de dez anos de exercício forense nesta cidade do Porto e por algumas temporadas de inverno em Lisboa por razões de saúde. Ele não foi, como quer que seja, simplesmente imposto pelas circunstâncias nem constituiu algo de acidental e acessório na sua vida de escritor pensador. Foi, mais que isso, uma opção. Foi mesmo uma necessidade vital, ditada por uma natural simpatia pela vida do campo onde, unicamente, se sentia como peixe na água. O campo era o seu *habitat* natural de animal poético e pensador.

Adveio daí essa sua estrutural personalidade de eterno camponês, conforme, de resto, ele próprio repetidamente gostava de sublinhar nos escritos e referências de carácter autobiográfico. Atribuía à paisagem um «poder materno». <sup>1</sup> Escreveu versos como estes: «Nasceu desta sombria e mística paisagem / Meu pobre coração. / Destes soturnos montes sou a imagem, / Humanizada e triste»; «Minha maneira íntima de ser / Eu sei que resultou / Desta paisagem mística e saudosa». <sup>3</sup>

Esta radicação na terra — que o é, a um tempo, do Poeta-pensador e do próprio pensar e pensamento — exprime-a Pascoaes, mais que uma vez, através da metáfora da árvore. É assim que, por exemplo, em *As Sombras*, deixa no ar esta exclamação: «[Terra] Onde eu, árvore humana, criei raízes / E ramagens que abraçam as estrelas... / Ó meu húmus genésico e fecundo!». <sup>4</sup>

Da terra brotou, efectivamente, como sua fecundidade natural, a árvore do Poeta, que dela se sentia filho e que para além dela se projectava em *élan* de altura. Do poeta que brotou da terra, brotou, por sua vez, a poesia e, com ela, o pensar e o pensamento poéticos, como sua floração ou como o aflorar da misteriosa verdade que no

---

<sup>1</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Penitente (Camilo Castelo Branco)*, 2ª ed., vol. 2 das «Obras de Teixeira de Pascoaes» (OTP), Assírio & Alvim, Lisboa, 1985, p. 86.

<sup>2</sup> Id., *Cantos Indectos*, 3ª ed., in «Obras Completas», dir. de Jacinto do Prado Coelho (JPC), vol. V, Bertrand, Lisboa, s/d [1969], p. 9.

<sup>3</sup> O. c., p. 10. No poema «A Sombra do Passado» escreve: «Eis-me, outra vez, na terra onde nasci; / Sagrada e tosca terra primitiva, / Boa terra fecunda, que eu bem sinto / Formar meu corpo, minha carne viva!» (*As Sombras*, in vol. 15 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1996, p. 24).

<sup>4</sup> Id., *ibid.*

segredo daquela se escondia.<sup>5</sup> A terra ditou assim o carácter ontológico de um pensamento do ser espontaneamente vindo à luz, ou à palavra, «como um sentido a abrir».<sup>6</sup> Tal como para os gregos, na releitura que deles fez Heidegger, a terra foi, para Pascoaes, a *terra-mater* ou a natura, em seu perpétuo processo de nascimento de tudo o que nasce ou vem à luz, nisso se incluindo o pensamento.

Por isso também o Poeta alimentou sempre um sentimento de «cós mica fraternidade»<sup>7</sup> com todas as coisas e produziu um corpo de pensamento ao mesmo tempo «radicado e universal»<sup>8</sup>, telúrico e místico, realista e idealista, com raízes na terra e voos de alcance metafísico. Compreende-se nesta base a ideia pascoaesiana do poeta como «homem universal» por excelência. «O poeta — escreve — é uma árvore andante [...], toda ramagem e raízes. Come na terra e no céu».<sup>9</sup> Como o pobre tolo, em cuja figura Pascoaes se reviu, «conhece bem a terra, porque tem / Raízes, noutros tempos; e conhece / O céu, porque tem ramos e folhagens».<sup>10</sup> Ele é «... o teólogo que tem / Na alma toda a luz, no corpo toda a terra».<sup>11</sup>

## 2. O pensar re-cordativo

O enraizamento na terra desvela, em Pascoaes, a natureza re-cordativa do seu poético pensar. Se pensar é o desentranhar-se da árvore do pensamento desde a fundura das suas raízes, pensar é sorver do próprio húmus genésico a seiva vital do pensamento. É ir além das raízes, na captação do que nesse húmus se dá como profundo, secreto e, em último plano, como originário donde tudo se origina.

Essa captação ou per-cepção, de que há-de resultar a con-cepção que será o pensamento dinamicamente evolutivo do Poeta, só é possível

---

<sup>5</sup> Vem a propósito recordar que a raiz *vara*, com que o sânscrito significava a verdade, designava justamente esse segredo, quer dizer, o que permanece guardado ou oculto e é a verdade originária das coisas.

<sup>6</sup> Id., *A Minha Alma* in «Obras Completas» (JPC), vol. I, p. 110.

<sup>7</sup> Id., *Os Poetas Lusíadas*, vol. 5 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1987, p. 170.

<sup>8</sup> José Marinho, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1976, p. 121.

<sup>9</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Penitente*, p. 88.

<sup>10</sup> Id., *O Pobre Tolo* (versão em verso), in vol. 19 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 2000, p. 274.

<sup>11</sup> Id., *Para a Luz*, in vol. 17 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1998, p. 95.

porque este pensa sentindo, ou, melhor, con-sentindo, no duplo sentido de «sentir com» e de «consentir»: sentir com a terra e consentir na (ou acolher a) abertura do seu segredo advindo em palavra poética. O pensar poético do Poeta-camponês é feito dessa simpatia e desse acolhimento. Pascoaes tinha plena consciência disso quando escrevia, por exemplo, que «sentir é entender essencialmente, desde a raiz do nosso ser, entranhado na origem dos seres, com a boca na Fonte».<sup>12</sup> No seu modo de ver, é pela via dessa «sensibilidade ontológica»<sup>13</sup> que o segredo (ou a verdade) das coisas se faz sentimento no coração do poeta e que, na sua palavra inspirada, «o sentimento se faz pensamento».<sup>14</sup>

Pensar pela via do sentimento é pensar com o coração. Sentir ontologicamente, e, mais ainda, consentir, é vibrar em sintonia com a vibração do ser ou da terra. Simpatia é aí sintonia, porque, afinal, «tudo é música e a sua dimensão silenciosa».<sup>15</sup> O étimo latino de onde vem «coração» é *cor, cordis*. Ora, o coração a vibrar com as ondas musicais que vêm do mais fundo do ser, ou da Origem das coisas, é o coração, a um tempo, em a-corde ou a-cordo com essa música secreta, e em re-cordação dessa Origem esquecida.

Os primitivos gregos entenderam que a poesia tinha o dom e a função do desvelamento da verdade. Para eles, a poesia realizava essa função enquanto que era exercício de recordação do segredo originário das coisas, sua essência subjacente e anterior à sua aparência. Por isso a consideraram como sendo, ela mesma, dom de Mnemosyne, a deusa da memória ou deusa Memória, que era também a deusa mãe das Musas. Mnemosyne é palavra da mesma família etimológica de *anámnesis* (recordação), *mnême* (memória) e *memonêuein* (recordar).

Em Pascoaes, o sentimento de radicação na terra conduz na mesma direcção. Pensar a verdade das coisas é pensar poeticamente. E pensar poeticamente é regredir em direcção à Origem, na perscrutação do seu segredo. A poesia faz-se em obediência e escuta da voz da terra, que é, segundo ele, «a voz da lembrança a ouvir-se em pleno

<sup>12</sup> Id., *São Paulo*, vol. 1 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1984, p. 139.

<sup>13</sup> Id., *O Homem Universal*, in *O Homem Universal e outros escritos*, vol. 12 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1993, p. 8.

<sup>14</sup> O. c., p. 33.

<sup>15</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal*, p. 111.

esquecimento»<sup>16</sup> O Poeta começa por se deixar encantar ou arrebatado pelas aparências das coisas, que põem o seu coração a vibrar com elas. Esta vibração ou «este arrebatamento — escreve — [...] é remotíssima lembrança, que se ilumina no nosso ser e se lhe substitui por um momento: a lembrança da sua origem»<sup>17</sup> É a «aparência» da verdade, em modo de recordação, a irromper no seio das «aparências», que são mentiras a alimentar o esquecimento da mesma verdade.

### 3. *Um pensar (de) primitivo*

Um camponês, em certo modo, é sempre um primitivo. Um camponês que pensa como camponês pensa segundo o modo dos primitivos. Pascoaes foi também esse primitivo. Romanticamente preso à natureza, tanto quanto avesso aos excessos de civilização, em face daquela sempre gostou de se posicionar como um heideggeriano «pastor do ser». A escuta da voz da terra foi o seu modo essencial de ser poeta-pensador. Não é por acaso que o seu poema fundador, *Belo*, bem como um dos seus poemas maiores, *Marânus*, são poemas do género bucólico.

O seu primitivismo é diferente do de Alberto Caeiro. A meu ver, é mesmo mais radical. Com efeito, se este foi um naturalista positivista, atento exclusivamente às coisas como aparecem em sua nudez sensível, avesso a transfigurações e transgressões metafísicas, Pascoaes, como os verdadeiros primitivos, era todo espanto em face das mesmas coisas, que para ele exalavam sempre um halo de mistério. Por isso, se Caeiro foi um poeta programaticamente precavido contra toda a tentação metafísica, o Poeta de Gatão, sempre desprevenido e despreconceituoso, movia-se sistematicamente na auscultação desse mais além metafísico. Caeiro era, afinal, um Fernando Pessoa homem da cidade, artificial e calculadamente desdobrado e projectado em homem do campo. Pascoaes, diferentemente, foi sempre, de verdade, um

---

<sup>16</sup> Teixeira de Pascoaes, *Cânticos*, in «Obras Completas», ed. De Jacinto do Prado Coelho, Bertrand, Lisboa, s/d, p. 192.

<sup>17</sup> Id., *A Beira (num relâmpago)*, in vol. 13 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1994, p. 76. Escreve ainda em *Duplo Passeio*: «O ser que nasce vem do passado, da noite original [...]. Vem da Origem, e ouve ainda murmurar a Fonte. É um murmúrio que se ilumina nas funduras do seu íntimo, e lhe sobe aos olhos num clarão de infinita melancolia. A saudade de Deus?» (in vol. cit., p.164).

camponês. Pôde, por isso, escrever com razão, pensando, antes de mais, em si próprio: «Os camponeses, os passarinhos e as árvores, são frutos ainda intactos, que sabem à terra que os criou. Neles brilha a Verdade natural; essa verdade que em nós, pobres criaturas racionais, se oculta em artificios.»<sup>18</sup>

O modo primitivo do pensamento identifica-se, antes de mais, com o próprio modo poético ou poetizante, esse que foi cultivado pelos primitivos pensadores gregos e que esse outro primitivo do século XX, que foi o camponês pensador da Floresta Negra, Martin Heidegger, preconizou e cultivou ele mesmo, na segunda fase da sua obra, como o mais adequado ao desvelamento da verdade.

Primitivo é aqui sinónimo de pré-racional, de pré-filosófico, e especialmente de pré-científico. «Prefiro o caminho rústico à estrada científica», dirá Pascoaes em *S. Jerónimo e a Trovoada*<sup>19</sup>. A primitividade rústica implica a proximidade — que é pertença, simpatia e solidariedade — com as coisas em seu modo natural de ser e em sua natural abertura de sentido. Implica o cultivo da abertura pura e simples, isenta da manipulação intelectual; implica, enfim, aquela infantil ingenuidade que é inocência como efectiva não «nocência», isto é, o não ser nocivo ao que é da natureza das coisas. É uma ingenuidade que constitui, afinal, aquilo que Heidegger designa por liberdade como essência da verdade. A primitividade implica, enfim, o cultivo da transparência como o deixar que essa verdade apareça do além (*trans*) da mera aparência em que o vulgo vê as coisas ou do revestimento em que a linguagem ordinária ou a científica as desfiguraram.<sup>20</sup> É uma transparência que é já transfísica ou metafísica, ainda em seu modo natural e espontâneo, enquanto tensão da alma para um além do que é da ordem do superficial sensível.

O modo primitivo privilegia o sentido do mistério sobre a tentação de tudo reduzir a mero problema; a compreensão sobre a explicação, a intuição sobre o raciocínio, a expressão literária sobre a expressão

---

<sup>18</sup> Id., *Os Poetas Lusíadas*, p. 122.

<sup>19</sup> Id., *São Jerónimo e a Trovoada*, vol. 11 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1992, p. 204.

<sup>20</sup> «O que, nos grandes Poemas, me domina, é a visão instintiva do mundo que lhes desvenda novas formas; a emoção directa, inocente, que se apega; o espanto infantil de quem vê pela primeira vez; a sensibilidade ao contacto do mistério...» (*Verbo Escuro*, in vol. 18 das OTP, Assírio & Alvim, Lisboa, 1999, p. 130).

conceptual. No que a esta última se refere, salta à vista a preferência de Pascoaes pelo uso de metáforas e símbolos extraídos da sua experiência de homem do campo: a noite, a luz, a sombra, o luar, a água, a fonte, o silêncio, a montanha, o ermo, a névoa, a aurora, o crepúsculo, e tantas outras coisas do género.

#### **4. Reflexos no pensamento**

A condição de camponês, reflectindo-se antes de mais no próprio modo de pensar, não poderia deixar de ter consequências no pensamento decorrente da actividade de pensar. Não há aqui espaço para grandes explanações. Lembro, por isso, apenas telegraficamente, alguns traços desse pensamento, tais como: a valorização de tudo o que é da ordem do popular, em detrimento do erudito; o cultivo da tradição do povo genuíno e da ruralidade, em detrimento do modo de ver cidadão e estrangeirado; a proposta de um sistema político em modo de «democracia religiosa e rural»<sup>21</sup>, enraizada na terra e onde todo o poder fosse emanção do povo; a convicção de que o sentido profundo da nossa história pátria anda inscrito na alma popular. Lembro ainda: o culto romântico da natureza, com a correspondente alergia aos excessos da civilização; a ideia de uma religião da terra, misto de cristianismo e paganismo, com o seu cariz naturalista e romântico, gnóstico e panteísta; enfim, a ideia de que o genoma original e originante da nação portuguesa se encontra no Norte, na sua paisagem de Entre-Douro-e-Minho, pelo que é o Norte, e não o sul lisboeta de influência cosmopolita e estrangeirada, que representa a genuína alma lusíada ou o verdadeiro génio português.

#### **Conclusão**

A comemoração dos cinquenta anos decorridos sobre a morte de Teixeira de Pascoaes é de inteira justiça. E de inteira justiça é que se faça um pouco por toda a parte neste Portugal que ele amou, interpretou, celebrou e por cuja grandeza pugnou em seus escritos, ele que tem sido injustamente esquecido por tantos, em parte, talvez, justamente

---

<sup>21</sup> Teixeira de Pascoaes, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, in *A Saudade e o Saudosismo - Dispersos e Opúsculos* (compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes), Assírio & Alvim, Lisboa, 1988, p. 55.

por ser nortenho e provinciano, mas que nem por isso deixa de ser — como pensa esse insuspeito estudioso e pensador do génio e da cultura portuguesas que é Eduardo Lourenço, e como penso eu próprio — um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Os actos comemorativos vêm sendo multiplicados, aqui e além, de diversas formas. Na ausência de um congresso condigno, que aliás esteve em esboço, é justo que se felicite a Faculdade de Letras do Porto, como cidade representativa do Norte, por lhe dedicar este honroso Colóquio que não anda longe do figurino de um verdadeiro Congresso.

*Jorge Coutinho*